

# A ponte e a torre da Ucanha em Leite de Vasconcelos e na actualidade

AMÉLIA ALBUQUERQUE\*

JOÃO L. INÊS VAZ\*\*

## RESUMO

Os autores fazem a história da ponte e torre da Ucanha através da correspondência de Leite de Vasconcelos com pessoas da região de Lamego e Tarouca a quem ele se dirigia solicitando-lhes informações sobre os monumentos da sua terra. Graças ao seu empenho, a torre foi recuperada apresentando-se hoje como a mais bem conservada ponte fortificada em Portugal. Faz-se a integração desta ponte no contexto geral das pontes fortificadas e descreve-se o estado actual da ponte e da torre. Discute-se ainda a época da construção da torre e da ponte e reinterpreta-se uma inscrição que se encontra numa das pedras da torre.

Palavras-chave: Ucanha – Ponte – Torre – Ponte fortificada – Correspondência – José Leite de Vasconcelos

## ABSTRACT

*The authors talk about the history of the Ucanha Tower and Bridge through Leite de Vasconcelos' correspondence with people from the Lamego and Tarouca region to whom he asked for information about the monuments from his homeland. Thanks to his commitment, the tower was restored, which is nowadays known as the best preserved fortified bridge in Portugal. The authors include this bridge in the general context of fortified bridges,*

---

\* Mestre em História Regional e Local e investigadora de temas de Cister.

\*\* Professor Associado da Universidade Católica Portuguesa e investigador do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto.

*describing its present condition. The period of the construction of the tower and bridge is still discussed and an engraved inscription, which can be found on one of the tower's stones, is also reinterpreted.*

*Keywords: Ucanha – Bridge – Tower – Fortified bridge – Correspondence – Leite de Vasconcelos*

## 1. OS MONUMENTOS DA UCANHA NA CORRESPONDÊNCIA DE LEITE DE VASCONCELOS

José Leite de Vasconcelos nasceu na Ucanha no dia 7 de Julho de 1858. Daqui deve ter saído muito cedo para o vizinho concelho de Mondim da Beira e aos 9 anos começou a frequentar a escola primária em S. João de Tarouca e tem as primeiras lições de Latim na Granja Nova. No início da adolescência era amanuense na Câmara Municipal de Mondim e depois, aos 16 anos, foi para o Porto trabalhar e estudar num colégio, assim completando os seus estudos secundários. Afastado da sua terra natal, só ali regressaria já idoso, em 1935, numa visita fugaz, rapidamente regressando às suas lides de Lisboa. Os convites para voltar à sua terra não faltavam e desde o Arcebispo de Mitilene e Bispo de Lamego, João Cardoso de Rebelo de Menezes, e outros primos e familiares todos o convidavam a vir à região. O bispo de Lamego escreve-lhe várias cartas, como esta datada de 21 de Setembro 1889: “Meu caro primo / tenho tido imenso que fazer pois isto por aqui estava muito descurado... Aqui te espero ver e hospedar n’este palácio que tem coisas muito boas; uma bela Biblioteca.

João Cardoso de Rebelo de Menezes **Arcebispo de Mitilene.**” (Albuquerque, 2006, p. 22-23).

Por ocasião da sua visita à Ucanha em 1935, comove-se e decide mandar uma esmola aos pobres. Isto podemos mesmo deduzir das cartas que lhe escreve Manuel Ferreira do Carmo Laranjo, professor da Ucanha, que lhe diz, em 16-09-1935, que “A minha afabilidade para com V.E. e seus parentes não foi nada comparada com o que mereciam e que eu, felizmente podia dispensar-lhes, se não fora a maldita pressa de que estavam possuídos. ...Para o próximo Verão,

deve cá voltar com mais vagar, pois que já perdeu o susto das ilusões que o afligiam. Ainda não recebi o vale dos 35\$00 que diz mandar-me para distribuir pelos 7 pobres mais necessitados desta freguesia. Logo que receba, cumprirei a sua vontade mandando-lhe o nome dos contemplados. Deus lhe agradeça... Acerca do pelourinho nada sei” (op. cit., p. 35-36).

Apesar de ausente, Leite de Vasconcelos nunca abandonou a sua Ucanha nem os seus monumentos que eram alvo das suas preocupações na correspondência que mantinha com as pessoas da terra, familiares ou não. “Além dos mosteiros, o pelourinho da Ucanha é uma constante na cabeça do Prof. Leite de Vasconcelos pois lembrava-se do pelourinho dos seus tempos da infância. Depois, quando o concelho da Ucanha foi extinto, como era um símbolo do poder local, foi destruído e isto devia constituir um desgosto enorme para ele.” (op. cit., p. 36). Em relação ao pelourinho, José Leite de Vasconcelos só descansou quando soube que tinha sido restaurado, por sua iniciativa.

Posteriormente, surgiu uma outra preocupação, a torre da Ucanha também chamada castelo e a primeira coisa que queria era obter uma fotografia da torre. Isso mesmo se deduz da correspondência com o primo Vasco Maria Osório, proprietário da Quinta de S. Bento, em Ferreirim. Com efeito, este envia-lhe para Lisboa vários objectos arqueológicos encontrados na sua quinta e precisa que faz esta oferta ao primo José Leite porque o achava digno de guardar estas peças e envia-lhe depois uma carta onde lhe diz que “A respeito dos desejos que tem de possuir uma fotografia do Castelo da Ucanha, talvez seja eu que lhos satisfaça porque também me entretenho com as artes de Dagerre”<sup>1</sup>. Ora, esta carta é de 1904 e já nessa data, Leite de Vasconcelos queria obter uma fotografia do castelo da sua Ucanha.

Ninguém lhe deve ter conseguido enviar a fotografia, pois Manuel Ferreira do Carmo Laranjo, já citado acima, vai escrever-lhe outra vez solicitando-lhe que interceda a favor dos monumentos da sua terra. Assim, em 9 de Dezembro de 1932, apela à sua qualidade de natural da Ucanha, para que consiga dinheiro para o restauro dos monumentos: “Como filho da Ucanha que V.E. é pedia-lhe se interessasse pela restauração do nosso Castelo, Monumento Nacional e que se encontra em ruína no sopé. Era um grande benefício que prestava à terra que lhe foi berço estou convencido que V.E. tendo a boa vontade o pode fazer, visto ser um homem de grande prestígio e estar próximo das entidades que tem a seu cargo tal assunto”<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Carta n.º 17064, datada de “Britiande 28-04-1904”, referida por Albuquerque, 2006, p. 25. Todas as cartas referidas estão acessíveis na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal. Arquivo pessoal de JLV. Correspondência.

<sup>2</sup> Carta n.º 10970. (op. cit., p. 34-35).

Junto a esta carta há uma nota do Professor Leite de Vasconcelos a pedir informações às quais o Sr. Laranjo responde no próprio papel. Transcrevem-se as perguntas escritas por Leite de Vasconcelos (em itálico) e as respostas dadas por Manuel Laranjo (sublinhado):

*“1 – Que despesa calcula (despesas de homens, e pedras com a consolidação da Torre em baixo? Indique a quantia menor que puder, porque senão não se arranjará nada.*

Devem chegar 1.000\$00

*2- Quanto calcula que custaria a expropriação daquele casebre que está ao lado direito da Torre (para quem vai para a ponte)? Não indique também senão a menor quantia. Deitando-se abaixo o casebre, ficava a torre desafogada e muito mais linda. A torre é muito importante, não só para a história da nossa Ucanha, mas para a da nação, como verá das minhas “Memórias de Mondim”.*

A expropriação deve custar de 2.000\$00 a 3.000\$00

*3 – Por não ter agora à mão as gravuras, e me não lembrar, não sei se a torre tem ameias; se tem, quantas desapareceram?*

Tem quatro, sendo uma para cada face. Estão todas e em bom estado.

*4 – A torre tem terraço? Ou tem telhado? Não tendo telhado, seria susceptível de o ter?*

Tem terraço sobre o arco e não tem telhado; mas pode tê-lo”.<sup>3</sup>

Outras cartas em que se manifestam as suas preocupações com os monumentos são as trocadas com Maria da Conceição Carmo Rebelo, prima adolescente do Prof. Leite de Vasconcelos, que vivia na Ucanha e estudava no Colégio da Imaculada Conceição em Lamego.

Esta prima vai-lhe falando do orgulho que tem em ser sua prima, da sua vida familiar e de estudante, do pelourinho e da torre e convida-o para sua casa. Sabemos ainda que um dos irmãos fica algum tempo hospedado em casa do Professor e por ela temos conhecimento que, em 1937, Leite de Vasconcelos volta à Ucanha, o que mostra uma relação próxima.

<sup>3</sup> Carta n.º 10976 C (op. cit., p. 36).

Numa primeira carta trocada entre eles, em 13-02-1937, carta esta escrita de Lamego, dá-lhe notícias sobre as obras no Castelo da Ucanha e acrescenta que “relativamente à vinda do Priminho à Ucanha terei muitíssimo gosto de o lá ver, já devia ter vindo”.<sup>4</sup> Duas semanas depois, em 28-2-1937, diz-lhe que “o Castelo sobretudo está quase pronto”.<sup>5</sup>

Por carta de 20-06-37, podemos deduzir que o Professor lhe havia dito que viria nas férias à Ucanha e, por isso, ela mostra a sua satisfação e termina a dizer-lhe que “As obras do castelo ainda não terminaram.”<sup>6</sup>

As cartas posteriores, já depois da ida de Leite de Vasconcelos à Ucanha, referem-se às obras do pelourinho que estava a ser refeito. Em 29-10-1938, diz ela que “quando vim para o Colégio, o pelourinho já tinha o 1º degrau, agora é natural que já esteja quasi pronto. Deve ficar muito grande e muito bonito e por isso é uma obra que mais immortaliza a nossa terra”.<sup>7</sup>

Em 13-11-1938, volta a informar o primo das obras do pelourinho, dizendo que “o pelourinho está pronto, deita uns 6 a 7 metros de altura e simboliza muito mais a freguesia Ucanha. As pessoas estranhas que passam admiram-se com aquela obra e então o povo responde que foi o Priminho que a mandou fazer”<sup>8</sup> e pede-lhe para o vir ver pessoalmente.

Em 29-01-1939, a prima diz que “Só foi nas férias que vi o pelourinho pronto e achei muito bem apesar de nada compreender... Então agora quando é que lá vai? Na Páscoa? Todos nós estamos ansiosos que lá volte e que não seja visita de médico como das outras vezes”.<sup>9</sup>

Através desta breve troca de cartas referida, vemos perfeitamente que os monumentos da Ucanha eram uma preocupação constante na cabeça do Doutor José Leite de Vasconcelos. Desses monumentos, iremos agora referir-nos mais detalhadamente à ponte e à torre.

## 2. PONTES FORTIFICADAS

A ponte pertence ao tipo de ponte fortificada. Uma ponte é sempre construída num ponto estratégico, já que se procuram os lugares de passagem mais fácil entre dois pontos de duas margens opostas. Sendo assim, era importante que

<sup>4</sup> Carta n.º 19513 (op. cit., p. 37).

<sup>5</sup> Carta n.º 19514 (*idem*).

<sup>6</sup> Carta n.º 19517 (*idem*).

<sup>7</sup> Carta n.º 19524 (op. cit., p. 38).

<sup>8</sup> Carta n.º 19525. (*idem*).

<sup>9</sup> Carta n.º 19528. (*idem*).

estes pontos não fossem vulneráveis a qualquer tipo de ataque. A Idade Média é a época dos castelos e das fortificações, pois é uma época de instabilidade e de guerras que levam a que as pessoas se refugiem nos campos, se isolem e procurem defender-se a todo o custo de possíveis ataques, é a época da “mentalidade do castelo”, como lhe chama Vittorio Galliazzo (1995, p. 99). Ao contrário do Império Romano, em que as cidades floresceram, em que se construíram estradas para a eternidade e pontes para todo o sempre por onde as pessoas e as mercadorias viajavam em segurança, no final do Império, as pessoas retraem-se nas suas viagens, as vias são muitas vezes abandonadas e consequentemente muitas pontes entram em decadência, demoram a ser recuperadas ou procuram-se alternativas à sua passagem. Quando são recuperadas, muitas vezes acabam por ser alteradas e fortificadas com torres sobre a ponte ou junto à ponte, nos extremos da mesma. Um dos casos mais conhecidos é o da *Pons Milvius*, em Roma que, construída nos finais do século III a. C., foi várias vezes alterada e reconstruída, acabando por lhe ser acrescentada uma torre na Idade Média.

No Império Romano era hábito construir edifícios junto às pontes, nomeadamente pequenos templos ou grandes mausoléus, como aconteceu na própria cidade de Roma. Muitas vezes, esses edifícios acabaram, mais tarde, por ser fortificados com ameias, transformando-se assim em autênticos castelos. Casos flagrantes e bem conhecidos são os das *pons Aelius*, em Roma, em que o mausoléu do Imperador Adriano foi fortificado, e o caso da ponte romana de Alcântara, em Espanha, em que o arco triunfal colocado a meio da ponte foi também modificado com o acrescento de ameias.

Em Espanha, além da ponte de Alcântara, conhecem-se outras pontes romanas fortificadas, como a famosa ponte de Besalú, na província de Girona. Foi construída sobre uma ponte romana e sofreu várias reconstruções ao longo dos séculos. Tem duas torres, uma a meio que servia de defesa, pois tem portas que se cerravam em caso de necessidade, mas a ponte tinha também uma função económica, pois servia para a cobrança das portagens.

Outra ponte fortificada bem conhecida é a de Toledo, que tem uma torre em forma de octógono cortado. Todos os que quisessem entrar na cidade tinham que passar por baixo desta torre. Em território que hoje é português, mas que pertenceu até aos finais do século XIII ao reino de Leão, na freguesia de Vilar Maior, no concelho de Sabugal, uma ponte sobre o rio Cesarão apresenta também uma torre hoje bastante arruinada. Esta ponte marcava a entrada naquele reino peninsular medieval que se fazia naquele ponto.

A ponte da Ucanha é, no entanto, a mais monumental, mais grandiosa e mais nobre. É uma ponte fortificada construída de raiz na Idade Média pelos

monges cistercienses de Salzedas na entrada do seu couro, cujo arquitecto se desconhece (fig. 1).

No concelho de Tarouca, há várias pontes antigas que foram construídas quando os monges cistercienses se instalaram em S. João de Tarouca e em Salzedas. Uma delas fica mesmo em frente do velho burgo de S. João de Tarouca, tem um único arco e ligava a cerca do mosteiro à povoação.

Outra importante ponte é a de Mondim da Beira sobre o rio Varosa e muito semelhante à de S. João de Tarouca, apresentando arcos de volta perfeita, o que faz dela uma ponte românica. Ligava com um caminho que viria da serra de Leomil para Lamego, unindo próximo de Almodafa, a uma outra via principal, que seguia o traçado hoje retomado pela Estrada Nacional 226 entre Moimenta da Beira e Lamego.

Uma outra ponte mais pequena é a de Vila Pouca. Era importante para o mosteiro de Salzedas, pois punha em contacto o mosteiro com esta povoação e mais além, com Eira Queimada, Eiró, até Lamego, onde ia entroncar na estrada Moimenta da Beira – Lamego, já referida.

Ao longo das ribeiras da região, várias outras pontes medievais foram construídas pelos monges que assim punham em contacto as várias povoações e as suas quintas próximas ou mais longínquas como as que se localizavam já sobre o rio Douro. De todas elas, todavia, a ponte da Ucanha é mais conhecida por ser fortificada e por ser a mais monumental.



Fig. 1 – A ponte de Ucanha vista de montante para jusante. A torre fica na margem direita do rio Varosa.



### 3. A PONTE DA UCANHA

A Ucanha é uma povoação que claramente se desenvolveu ao longo de um caminho que ligava as terras de Moimenta da Beira a Lamego. Este caminho, que não se sabe se será anterior ou não, pois não está feito o estudo dos traçados romanos desta região, é um caminho de Cister pois ligaria as terras do Mosteiro de Santa Maria de Salzedas a algumas das suas quintas mais afastadas do mosteiro<sup>10</sup>.

Ainda hoje, a povoação é quase uma linha de casas que se estende de um lado e outro do estreito caminho, formando uma espécie de guarda de honra a quem por ele circulava (fig. 2). Só a abertura da estrada nova, da Ponte Nova para Salzedas, fez com que essa linha se alterasse e as casas se construíssem também ao longo desta nova via que cruza a antiga, formando uma verdadeira cruz.

A ponte está construída sobre o rio Varosa e na entrada da margem direita foi construída uma robusta torre destinada não só a vigiar a entrada do couto de

Salzedas, mas também certamente à cobrança das portagens a que o mosteiro tinha direito (figs. 3 e 4).

Não existe qualquer elemento que nos indique uma construção anterior à Idade Média ou que ali tenha existido uma ponte anterior. O arco usado é o arco apontado pelo que, mesmo que outros elementos não houvesse, teríamos que lhe chamar ponte gótica e não românica, como muitas vezes é apelidada. Alexandre Alves diz que a ponte teria sido “mandada fazer no século XII por D. Teresa Afonso”,<sup>11</sup> mas não apresenta qualquer argumento nem qualquer documento justificativo desta atribuição. Assim, o único elemento



Fig. 2 – Aspecto da rua principal da povoação vista da torre.

<sup>10</sup> Apesar de faltar este estudo, a verdade é que alguns autores, como o Dr. Almeida Fernandes em *As dez freguesias do concelho de Tarouca – História e Toponímia*, p. 425-430, não hesitam em falar sobre estes caminhos imaginando o trajecto que eles fariam.

<sup>11</sup> Alexandre Alves, *Beira Alta*, vol. XXXVII, 1 (1978), nas badanas da capa da revista.



Fig. 3 – Aspecto da torre vista da margem do rio, com os moinhos em primeiro plano.



Fig. 4 – O arco maior da ponte, sendo bem visível uma pequena deformação na secção esquerda.

que temos é a inscrição que se encontra embutida na parede do lado de sudeste da própria torre a que já nos referiremos e que nos leva a atribuí-la ao século XV, mais consentâneo com a arquitectura das próprias ponte e torre.

#### 4. A ARQUITECTURA DA PONTE

A ponte tem quatro arcos todos apontados e todos desiguais (fig. 5), havendo um que é mais largo e mais alto, o que dá ao tabuleiro uma forte inclinação em forma de cavalete ou dorso de asno. O pequeno arco do lado da torre, na margem direita do rio, serve apenas para deixar passar as águas vindas da levada do moinho, localizado do lado de montante, que era pertença do mosteiro de Salzedas. Do lado contrário, na margem esquerda, existem igualmente outros moinhos que certamente também pertenciam ao mosteiro e que têm o mesmo tipo de construção. A única diferença é que os da margem direita estão separados da ponte e os da margem esquerda estão mesmo encostados ao arco da ponte.

Os arcos assentam directamente sobre os fortes rochedos graníticos das margens. As bases dos arcos, no meio do rio, assentam igualmente sobre os rochedos, pelo que não foi necessário nenhuma obra especial de engenharia para lançar estas bases.

A pedra usada é o granito da região, com um aparelho bem cuidado e as pedras todas bem talhadas e colocadas à maneira do *opus reticulatum* romano.

As arquivoltas dos arcos são constituídas por uma única fiada de aduelas, mas algumas parecem não ser da construção original. No intradorso do arco principal mantêm-se ainda os buracos com alguns restos das traves da estrutura

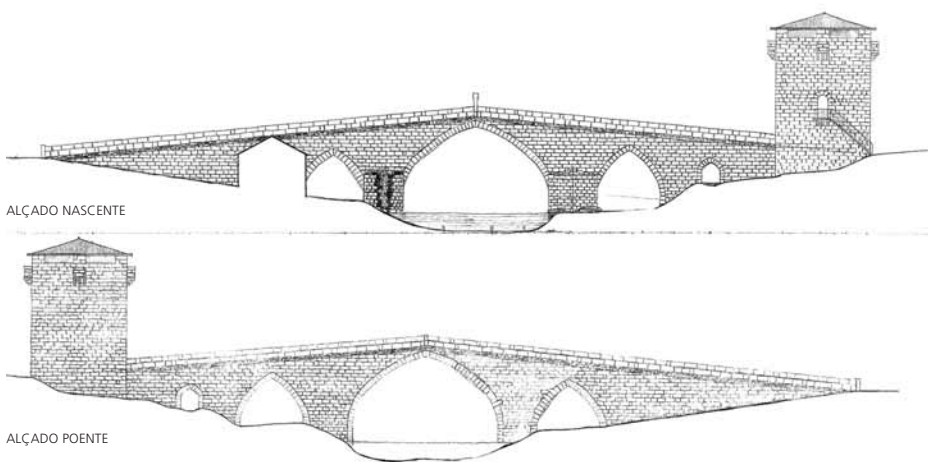


Fig. 5 – Ponte e torre num desenho da DGEMN.



Fig. 6 – Tabuleiro, talhamares e moinhos vistos da torre.

de madeira feita para moldar o arco.

Olhando de jusante para montante, apercebemo-nos que os arcos não são perfeitos, fazendo lembrar os da ponte Navea, no município de Trives, na província galega de Orense que foi construída sobre os alicerces da anterior ponte romana. O arco da margem esquerda tem o arranque recto e só começa a formar a ogiva mais ou menos a meio, o que lhe confere um aspecto um pouco imperfeito, sendo mais notória ainda esta situação no outro da margem direita do rio. Pelo contrário, a ogiva mais perfeita é a que forma o segundo arco a contar da torre.

Do lado de montante, apresentam-se dois grossos e compridos talhamares que ladeiam o arco central, evitando que a ponte fosse arrastada pelas águas. As primeiras fiadas de pedra dos alicerces são comuns à ponte e ao talhamar o que quer dizer que foram feitos em simultâneo, apesar da parte superior dos mesmos ter sido refeita noutras ocasiões (fig. 6).

A ponte apresenta ainda guardas feitas com grandes pedras colocadas na vertical e um pavimento moderno bem cuidado, feito com calhaus rolados e pedras avulsas, que imita certamente o antigo. As guardas da ponte assentam sobre uma fiada de grandes pedras e, no meio do pavimento, uma fiada de pedras divide as duas faixas de rodagem. Por sua vez, colocaram-se outras lajes perpendiculares a estas que dividem o espaço em grandes rectângulos, que são lajeados com os tais calhaus rolados e pedras irregulares.

A meio da ponte, sobre o ângulo do arco mais alto, está colocado um marco com uma cruz e a data de 1865 e, do lado contrário, outro marco que recorda as obras n' "As pontes de Fornos, Táboas, Ucanha e Sancrou... nos preparou...", e outras cuja menção não se consegue ler, pois a inscrição parece ter sido picada propositadamente nas linhas 4 e 6. Deve referir-se a obras na ponte da Ucanha e noutras pontes ali mencionadas, que devem ter sido feitas na mesma data do século XIX e pelo mesmo responsável.

## 5. A ARQUITECTURA DA TORRE

A torre quadrada tem uma altura de vinte metros e dez metros de largura. Assenta sobre um arco que permite a passagem das pessoas e animais por baixo dela.

Em todas as faces, apresenta à volta quatro poderosos matacões ou varandins defensivos e apenas o do lado norte não está sobre nenhuma porta nem arco e teria, portanto, uma função exclusivamente decorativa. Estes varandins assentam sobre três mísulas, sendo a do meio decorada com uma pequena roseta esculpida na pedra, o que mostra a preocupação extrema com que a torre foi construída.

O arco sobre o qual a torre assenta é de volta perfeita e é constituído por uma fiada dupla de aduelas, e a pedra utilizada na construção é o granito amarelo da região. Imediatamente acima da arquivolta, rasga-se uma pequena fresta que permite alguma entrada de luz no interior do primeiro andar da torre.

Olhando para a fachada da torre virada à ponte, vemos que as aduelas do arco são quase todas sigladas. Nas aduelas que ladeiam a pedra de fecho do arco, estão gravadas duas flores-de-lis, relacionadas certamente com a Ordem de Cister.

Deste mesmo lado, mais ou menos a meia altura da torre, rasgam-se duas pequenas e elegantes janelas encimadas por um arco conopial.

Acima das janelas está o varandim de que já falámos e que tem dois buracos por baixo e uma seteira na parede frontal, o que permitiria tiro horizontal ou oblíquo e tiro vertical.

A cobertura da torre é em telha, mas tempos houve em que não tinha qualquer cobertura, como já vimos a propósito de Leite de Vasconcelos.

Passando por baixo da torre, chama-nos a atenção a qualidade da pedra utilizada e a quantidade de siglas usadas no intradorso do arco. Algumas das pedras têm alguns sinais, como cruces com base triangular que não são siglas, mas, certamente, símbolos da fé das pessoas que os gravaram. Há várias representações de calvários, com três cruces. É a sacralização de um lugar perigoso como era sempre a travessia de um rio, mesmo que existisse uma ponte protegida, como no caso da Ucanha. As cruces poderão representar também o agradecimento pela boa travessia feita ou o desejo de que assim acontecesse, para quem a iniciava.

Ao longo das paredes, corre um banco em pedra coetâneo da construção da torre. Contornando a torre, vemos que, do lado norte, tem apenas um varandim sem qualquer abertura na alta parede.

Do lado contrário, tem uma porta a que se acede por uma escada hoje em ferro mas que, noutros tempos, deveria ser em madeira. Mal se começa a subir, logo numa das primeiras pedras está um relógio de sol, hoje sem préstimo, mas que noutros tempos deve ter servido para as pessoas se orientarem.

O patamar onde se vai dar é em pedra e suportado por três mísulas iguais às que sustentam os varandins. Por cima da porta, na altura do segundo andar, está um varandim estrategicamente colocado que serviria para defender a mesma porta, em caso de necessidade. A escadaria antiga deveria ser protegida do sol e da chuva por um alpendre, de que restam ainda os modilhões, em linha oblíqua, salientes na parede.

A fachada virada à povoação tem mais dois elementos que as outras que acabámos de ver: um nicho com Nossa Senhora do Castelo (fig. 7) e uma edícula com uma inscrição.



Fig. 7 – Senhora do Castelo ou da Torre, como hoje é mais conhecida.

Como o nicho ocupa o centro da fachada, a seteira que já vimos do lado contrário foi desviada mais para a esquerda de quem olha. Acima do nicho com Nossa Senhora mantém-se a janela dupla e, sobre ela, um varandim. No entanto, esta janela, também sobrepujada por um arco conopial, é dividida por um mainel que representa duas colunas encimadas por um capitel duplo, assentes sobre uma base constituída por um triângulo cortado invertido. A decoração é feita com motivos vegetalistas e animais, provavelmente pequenos bucrânios.

O nicho tem arco redondo e três pequenas arquivoltas, sendo a primeira e terceira simples toros e a segunda decorada com uma flor de quatro pétalas.

A ladear o nicho está, do lado direito, uma flor de seis pétalas e, do lado contrário, círculos que se entrelaçam, constituindo um entrançado em que sobressaem losangos de lados arredondados inscritos num círculo. A imagem está protegida por uma grade de ferro e parece ser de muito boa qualidade escultórica, não se sabendo se é granito ou mármore, como nos parece mais provável.

Um outro elemento presente nesta fachada é uma inscrição em caracteres góticos que se encontra a uma altura conveniente de leitura que, infelizmente, está muito diluída (fig. 8).



Fig. 8 – Inscrição em caracteres góticos da torre da Ucanha.

Inscribe-se numa cartela constituída por um arco conopial protegido por um pequeno friso. Esta inscrição tem intrigado todos aqueles que até agora falaram da ponte, sendo uma das referências mais antigas a de Leite de Vasconcelos (1933).

José Leite de Vasconcelos, como já vimos, tentou que lhe enviassem uma fotografia para ler a inscrição. Acabou por obtê-la, mas apenas conseguiu transcrever “Esta obra mandou fazer d. / Fernando abad /...”. Diz ainda que “Já Frei Bernardo de Brito lembrara que o abade D. Fernando II «fundou a ponte e famosa torre está na villa da Cucanha sobre o rio Barosa» e atribui à fundação a data de 1427, não sei com que motivo.” (Vasconcelos, 1933, p. 84). O que é

certo é que a leitura de Leite de Vasconcelos, sem atribuir cronologia à construção, e a data de Frei Bernardo de Brito têm sido as mais seguidas<sup>12</sup>.

A inscrição encontra-se, efectivamente, muito diluída, porque uma parte da pedra onde foi gravada é um granito muito friável que escama com facilidade. Apesar disso, consegue ainda ler-se o seguinte:

“ESTA OBRA M/  
ANDOU FAZER  
DOM FERNANDO ABADE  
DA SALZEDA ...  
5 *nomine XR(isti)I sancta*  
*dominica ERA domini M*  
CCCCLXV.”

Fica-nos a dúvida na segunda parte da linha 4 e ainda nas letras que indicamos em itálico e em minúsculo.

A inscrição é dividida a meio por um báculo abacial que divide as linhas 3, 4, 5 e 6. A linha 7 está já fora da moldura que rodeia o campo epigráfico, em meia cana e que termina em forma de arco conopial.

Se admitirmos que a inscrição se refere apenas à torre, então teremos a torre construída em 1465 pelo Abade D. Fernando. Vem a propósito agora referir que o erro de Bernardo de Brito foi não se aperceber de que a era indicada é a de Cristo, *Domini* e não a era hispânica. Frei Fernando foi eleito abade em 1453 e exerceu o seu mandato ininterruptamente até 1474.

Se compararmos a arquitectura descrita acima com os elementos decorativos das faces da torre, podemos dizer que eles estão consonantes com a data referida.

Guardamos para o fim uma outra data que aparece gravada numa pedra por baixo do arco junto ao banco corrido que referimos acima (fig. 9). Com efeito, ao lado direito de quem entra na ponte passando por baixo do arco, está perfeitamente inscrita numa pedra a data de 1596. Não sabemos a que respeita esta data mas poderá ser referente a algumas obras que ali se tenham realizado. A ser assim, era abade do Mosteiro de Salzedas Frei Bernardo da Cruz que exerceu o abaciado durante três anos, de 1594 a 1597.

<sup>12</sup> A excepção foi a autora da ficha da DGEMN que leu 1465 em vez de 1427.





Fig. 9 – Data de 1596, gravada numa pedra por baixo do arco.

Um outro momento de obras foi em 1865, pois um marco com uma cruz colocado mesmo no meio da ponte tem essa data como já referimos.

Outras obras devem ter acontecido noutros momentos, das quais não temos qualquer testemunho epigráfico nem paleográfico, esperando que o aparecimento de outros dados possa esclarecer as dúvidas que ainda nos ficam depois de observarmos atentamente esta ponte e a torre da Ucanha.

## BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, M. A. P. de (2006) – Correspondência de Leite de Vasconcelos relativa ao concelho de Tarouca. In *Tarouca e Cister. Homenagem a Leite de Vasconcelos, Actas, Novembro 2006*. Tarouca: Câmara Municipal.

ALMEIDA, C. A. F. de; BARROCA, M. J. (2002) – *O Gótico*. Lisboa: Editorial Presença.

ALMEIDA, J. de (1945) – *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*. Lisboa: Ed. Autor.

AZEVEDO, J. de (1878) – *História Eclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego*. Porto: Typographia do Jornal do Porto.

- COSTA, A. C. da (1706-1712) – *Corografia Portuguesa e Descrição Topografica do Famoso Reyno de Portugal...* Lisboa: Off. De Valentim da Costa Deslandes.
- COSTA, M. G. da (1977) – *História do Bispado e Cidade de Lamego*. Lamego: [s.n.]; Braga: Oficina Gráfica Barbosa & Xavier.
- DIAS, P. (1986) – *História da Arte em Portugal. O Gótico*. Lisboa: Edições Alfa. vol. 4.
- DIAS, P. (1994) – *A Arquitectura Gótica Portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa.
- FERNANDES, A. de A. (1995) – *As Dez Freguesias do Concelho de Tarouca: História e Toponímia*. Tarouca: Câmara Municipal.
- GALLIAZZO, V. (1995) – *I Ponti Romani*. Treviso: Edizioni Canova. vol. 1.
- LIMA, F. de (1931) – Ponte Fortificada de Ucanha. Breves Notas. *Ilustração Moderna*. Porto. N.º 53, p. 355-357.
- MOREIRA, V. (1924) – *Monografia do Concelho de Tarouca*. Viseu: Tipografia do Jornal da Beira.
- REAL, M. G. (1965) – Ucanha. *Beira Alta*. Viseu. vol. XXIV.
- RIBEIRO, A. S. (1998) – *Pontes antigas classificadas*. Lisboa: Junta Autónoma de Estradas.
- VASCONCELOS, J. L. de (1933) – *Memórias de Mondim da Beira*. Lisboa: Imprensa Nacional.